

STRAUSS E DESCARTES FALAM A MESMA LÍNGUA? A ETNOBOTÂNICA NO CONTEXTO DO PARQUE ESTADUAL DA ILHA DO CARDOSO-SP RETRATADO NAS PESQUISAS ACADÊMICAS

Camila Alves e Silva¹

Diogenes Rafael de Camargo

RESUMO: A etnobotânica é um ramo que busca compreender as interações das populações em relação ao mundo vegetal, considerando suas percepções, os impactos dessa relação acerca das atividades exercidas em uma comunidade e o modo como tudo isso se reflete no ecossistema no qual as sociedades dependem. O presente trabalho teve como objetivo geral investigar nos variados referenciais científicos especializados, os conhecimentos etnobotânicos descritos acerca da população caiçara da Ilha do Cardoso. Pretendeu-se ainda, realizar um levantamento etnobotânico por meio da bibliografia científica, a fim de verificar a variação do conhecimento quanto ao gênero, idade e localidade, bem como as espécies de plantas medicinais mais conhecidas e utilizadas citadas pela população nos artigos encontrados e de que maneira estas são utilizadas pela comunidade, além de buscar compreender como o conhecimento é propagado. O estudo é de caráter qualitativo e documental e o desenvolvimento deste se deu por meio da “Análise de Conteúdo” proposta por Bardin (1977). O *corpus* documental é composto por sete trabalhos, dentre eles quatro dissertações, dois artigos e uma monografia. Os resultados foram divididos em seis categorias e a partir dos levantamentos desta pesquisa, identificou-se que os indivíduos do sexo masculino, as pessoas mais velhas e aqueles que moram em uma região menos isolada, possuem um conhecimento mais amplo. Os seres humanos fazem o uso dos elementos naturais de maneira abundante, o conhecimento é propagado principalmente via oral e há diversidade nas famílias e espécies citadas.

Palavras-chave: Plantas medicinais. Caiçara. Conhecimento local.

ABSTRAT: The ethnobotany is a study based on the comprehension of the interactions of populations and the vegetal realm, considering its perceptions and impacts of this relationship in the community activities, and the reflections on the ecosystem both are included. The aim of the present study is to investigate within specialized scientific reports the ethnobotany knowledge described by the “*Ilha do Cardoso*” island’s residents. Moreover, using the scientific literature elaborate an ethnobotany survey, in order to gather the knowledge about genus, age and location, and the more used and familiar medicinal plants species by the population in the researched papers, and how the habitants handle them as well, besides the quest of how those instructions are transmitted. This is a qualitative and documental study, and its development was due to the “Content analyses” proposed by Bardin (1977). The documental corpus is compound by seven studies, whereas four are thesis, two are papers and a monography. The results were divided into six sections, and based on the survey of this research, the male individuals, the elders, and those who live in a more anthropized region were identified to be the ones with the vastest knowledge. Human beings use in several manners the natural elements, the knowledge is transmitted orally, and there is a diversity of the cited families and species.

Keywords: Medicinal plants. Caiçara. Traditional knowledge.

1 INTRODUÇÃO

¹ FHO – Av. Dr. Maximiliano Baruto, 500, Jd. Universitário, Araras, São Paulo, Brasil, CEP 13607-399. Camila Alves e Silva. E-mail: camila.alvesilva13@hotmail.com/camilasilva@alunos.fho.edu.br.

A etnobotânica é um estudo que busca compreender as interações das populações em relação ao mundo vegetal, os impactos dessa relação acerca das atividades exercidas em uma comunidade e o modo como tudo isso se reflete no ecossistema no qual as sociedades dependem. (DAVIS, 1995; ALEXIADES; SHELDON, 1996). Por meio dessa forma de conhecimento humano é possível analisar o perfil de uma sociedade, uma vez que cada uma delas possuem costumes singulares e particularidades, tendo em vista extrair informações que possam ser proveitosas ao conhecimento científico em relação as plantas. (ALCORN, 1995; AMOROZO, 1996; MARTINS *et al.* 2005). Todo conhecimento étnico é *sui generis*.

A história dessa disciplina se confunde com a própria história da Botânica, bem como de outras áreas de estudos das ciências naturais e sociais, principalmente a Antropologia. A Etnobotânica exhibe etapas que podem ser diferenciadas de acordo com os interesses que estavam em vigor em cada época, em relação ao conhecimento sobre plantas, recluso por diversas sociedades e, por conseguinte, conforme as disposições dadas aos estudos (DAVIS, 1995; CLÉMENT, 1998). Nos séculos XVIII e XIX, o interesse que prevalecia entre as sociedades ocidentais em relação ao conhecimento sobre sociedades mais distantes, era limitado às vantagens econômicas que poderiam ser obtidos a partir desse conhecimento (DAVIS, 1995; CLÉMENT, 1998). Tais sociedades eram nomeadas como "aborígenes" e "primitivas" e o conhecimento que possuíam era desprezado, considerado como desprovido de valor por não possuir caráter científico. Entendia-se que era um tempo no qual a ciência estava dando seus primeiros passos, e a recusa da importância do conhecimento produzido fora do meio científico foi congruente no sentido de afirmar uma suposta "supremacia" do conhecimento cartesiano, o qual mais tarde se tornaria hegemônico (CLÉMENT, 1998). Os primeiros passos da disciplina dentro do âmbito acadêmico começam a ser dados durante o período clássico (VI - IV a.C.), incluindo debates sobre seus objetivos e metodologias. Nessa época, os estudos que hoje definimos como etnobotânicos eram intitulados por diversos nomes: "botânica", "botânica aplicada", "botânica aborígene", "etnografia botânica", "sabedoria popular sobre plantas" e "etnobotânica", este último termo referindo-se a uma "botânica aplicada à etnologia" (CLÉMENT, 1998).

Para Fonseca-Kruel e Peixoto (2004) além do seu valor próprio como disciplina, pesquisas nessa área também podem contribuir com trabalhos sobre a sustentabilidade² dos elementos

² A perspectiva acerca dos conceitos de sustentabilidade e de desenvolvimento sustentável, de onde partimos para este estudo, corroboram a encontrada em: CAMARGO, D. R. **OS CONCEITOS DE SUSTENTABILIDADE E DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL NA PRODUÇÃO TEÓRICA EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL NO BRASIL**: um estudo a partir de teses e dissertações. 2016. 197f. Dissertação de Mestrado - Universidade Estadual Paulista "Júlio De Mesquita Filho" UNESP – Instituto De Biotecnologia – Câmpus Rio Claro, 2016.

naturais, por meio da valorização e da aplicação do conhecimento empírico. Nessa concepção, a Etnobotânica passa a existir como um campo interdisciplinar que utiliza como ferramenta o conhecimento local. Este compreende de um conjunto de classificações e observações autocratas, organizadas de forma que carregam fortes raízes no passado trazendo um conhecimento acumulativo de experiências de antepassados (JOHNSON, 1992). A respeito do saber local, Diegues (2000) o define como:

Conjunto de saberes e saber-fazer a respeito do mundo natural, sobrenatural, transmitido oralmente de geração em geração. Para muitas dessas sociedades, sobretudo para as indígenas, existe uma interligação orgânica entre o mundo natural, o sobrenatural e a organização social. Nesse sentido, para estas, não existe uma classificação dualista, uma linha divisória rígida entre o 'natural' e o 'social', mas sim um *continuum* entre ambos (DIEGUES, 2000, p. 30).

Atualmente, dois dos maiores problemas mundiais, em termos socioambientais, são a conservação e a proteção dos elementos naturais e etnoculturais, sobretudo no que diz respeito à convivência harmoniosa entre esses dois “polos e fenômenos” (Natureza x Cultura), tendo maior ênfase nos países tropicais, especialmente nas terras baixas, local em que se encontram a maior diversidade de espécies de fauna e flora, bem como grande diversidade cultural (DIEGUES, 2000). Em termos de biodiversidade, o Brasil é conhecido por ser um dos países que abriga a maior variedade de seres vivos (SALATI *et al.* 1998). Além de sua conhecida riqueza natural, abriga também um número significativo de povos “indígenas” e populações tradicionais que, ao longo do tempo, aprenderam a viver nos mais diversos ambientes (AMOROZO 1996). Dentre esses ambientes, a região costeira abriga pelo menos cinco comunidades tradicionais de gêneses distintas (DIEGUES; ARRUDA 2001). Diante disso, Diegues (2000) indica que:

O Brasil, além de apresentar uma das maiores taxas de diversidade biológica do planeta, é um dos países de maior diversidade cultural. Existem no país mais de 500 áreas indígenas reconhecidas pelo Estado, habitadas por cerca de 200 sociedades indígenas culturalmente diferenciadas, as quais desenvolveram, ao longo dos séculos de sua existência, formas de adaptação a toda variedade dos ecossistemas presentes no território nacional (DIEGUES, 2000, p. 26).

Corroborando o autor supracitado, Laraia (1986) contribui com o debate:

O homem é o resultado do meio cultural em que foi socializado. Ele é um herdeiro de um longo processo acumulativo, que reflete o conhecimento e a experiência adquirida pelas numerosas gerações que o antecederam. A manipulação adequada e criativa desse patrimônio cultural permite as inovações e as invenções. Essas não são, pois, o produto da ação isolada de um gênio, mas o resultado do esforço de toda uma comunidade (Laraia, 1986, p. 46).

Por possuírem saberes, habilidades e doutrinas próprias, esses povos estão associados estreitamente a processos adaptativos, envolvendo assim interações entre os seres vivos e o seu meio, evidenciando a dependência destes aos elementos locais (BERKES *et al.* 1995; BERKES 1999). Neste sentido, Diegues (2000) afirma:

É fundamental realizar o inventário dos conhecimentos, usos e práticas das sociedades tradicionais indígenas e não-indígenas pois, sem dúvida, elas são os grandes depositários de parte considerável do saber sobre a diversidade biológica hoje conhecida pela humanidade (DIEGUES, 2000, p. 2).

Grupos populacionais de origem caiçara são resultantes da miscigenação entre “indígenas” e colonizadores europeus. São habitantes nativos da Mata Atlântica, vivem nas áreas do litoral do brasileiro, mais especificamente nas regiões litorâneas do norte do Paraná ao sul do Rio de Janeiro (MUSSOLINI, 1980). O termo “caiçara” é oriundo do vocábulo Tupi-Guarani *caá-içara* (SAMPAIO, 1987). Este era empregado para denominar as varas que eram utilizadas ao redor das aldeias e as armadilhas de galhos de árvores cravados na água para cercar o peixe. Com o decorrer dos anos, passou a nomear as tocas construídas nas praias para alojar as canoas e as ferramentas dos pescadores e, posteriormente, foi usado para reconhecer o morador de Cananéia, extremo sul do litoral paulista (FUNDAÇÃO SOS MATA ATLÂNTICA, 1992). Atualmente a expressão é utilizada para reconhecer todos os indivíduos e comunidades do litoral sudeste e sul do Brasil (DIEGUES, 1988). Esses sustentam-se da agricultura familiar e Agroecologia, da pesca artesanal e da extração de elementos naturais, como por exemplo, as plantas (BEGOSSI, 1998).

Por conta dessa forte influência cultural no Brasil, as plantas são usadas como alternativa terapêutica (ALMEIDA, 2011). De acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS), por volta de 60-80% da população mundial nos países em desenvolvimento dependem das plantas como alternativa de tratamento (PILLA *et al.*, 2006; MEDEIROS *et al.*, 2004). Deste modo, as descobertas populares a respeito do uso e os efeitos das plantas curativas são valiosas para a disseminação dos benefícios terapêuticos dos vegetais. E, ainda que não possuam seus componentes químicos conhecidos no âmbito da ciência moderna, são receitados amiúde, pelos efeitos medicinais que produzem. Portanto, usuários de plantas medicinais, mantém em prática o consumo de fitoterápicos, tornando “autênticas”, do ponto de vista do conhecimento científico, as informações terapêuticas que ao longo dos anos foram sendo acumuladas por meio dos povos tradicionais e “indígenas” (COSTA; SILVA, 2014).

A riqueza da cultura caiçara não se restringe somente aos conhecimentos sobre o ambiente natural que habitam. A história desse povo relata, por exemplo, o costume de comemorar o fim dos dias de trabalho coletivo ao som do ritmo musical conhecido como fandango, no qual homens e mulheres participam de danças típicas, como o batido e o vilão, cujas letras, de autoria dos violeiros locais, contam suas histórias ou sonhos (MENDONÇA, 2000). Todas essas particularidades podem ser encontradas entre os habitantes da Ilha do Cardoso, localizada no litoral sul do Estado de São Paulo. No local, encontram-se também indícios de ocupação de “sociedades primitivas”, que habitavam a região quando da chegada dos europeus (BARROS *et al.*, 1991; Plano

de Manejo do PEIC, 2000; SAMPAIO *et al.*, 2005). A partir de 1650, várias famílias de moradores da região se instalaram na Ilha, tornando-a, à época, uma das localidades mais habitadas da região (BARROS *et al.*, 1991). De acordo com Mendonça (2000), o número total de habitantes da Ilha do Cardoso correspondia a 391 pessoas em 1998, população decrescente em relação à de 1974, quando a Ilha continha cerca de 420 moradores, porém similar à constatada em 1991, de 384 pessoas. Essa diminuição populacional deve-se a diversos fatores, como por exemplo, a decaída da agricultura, o início da pesca comercial, a busca por ilhas de “melhores condições de vida” com serviços mais substanciais e desenvolvidos no que se refere a educação e saúde, as mudanças de ação profissional e a transformação da Ilha em unidade de conservação de uso restrito, fato que deu origem à expropriação de muitas famílias caiçaras habitantes da Ilha do Cardoso (MENDONÇA, 2000). Perante a sua importância biológica, implementou-se na Ilha, em 1962, pelo Decreto nº 40.319, o Parque Estadual da Ilha do Cardoso (PEIC), compondo o complexo lagunar de Iguapé/Cananéia/Paranaguá. Abrangendo 22.500ha, o PEIC é constituído por áreas de Floresta Pluvial de Encosta e Planície, Manguezal e Restinga, além da Praia Arenosa e Costão Rochoso (IF, 2004).

O saber local sobre as plantas medicinais nativas da região é propagado via oral de geração para geração, e por isso as pesquisas nesta área são de extrema importância para a preservação desse conhecimento (FALCÃO; MENEZES, 2003). De acordo com Di Stasi *et al.* (2002), além da preservação do conhecimento, esses estudos dispõem de instrumentos para registros acerca dos usos das plantas medicinais pelos povos tradicionais que também proporcionam a valorização do saber e da cultura local, uma vez que a sabedoria adquirida conduz ao desenvolvimento de novos fármacos, além da conservação da biodiversidade.

Nosso recorte de estudo são as publicações científicas que pesquisaram as plantas medicinais presentes na Ilha do Cardoso e a relação entre caiçaras e plantas nativas. Trata-se de um diálogo entre Biologia e Antropologia, dois elementos do conhecimento sistematizado humano que juntos compõem aquilo que se convencionou a chamar de Etnobotânica.

De acordo com os estudos de Miranda, *et al.* (2011), seus resultados apontam que os caiçaras fazem o uso efetivo da maioria das plantas existentes no local, e ainda mostram que retém grande conhecimento local sobre elas, especialmente nativas, enfatizando a íntima relação entre os moradores da Ilha e os elementos naturais presentes. Neste contexto, o presente trabalho pretende aprofundar o estudo das relações entre esse grupo populacional, de origem caiçara, e o ambiente em que habita, ampliando o conhecimento acerca das plantas terapêuticas.

2 OBJETIVOS

2.1 Geral

- Investigar, nos variados referenciais científicos especializados, os conhecimentos etnobotânicos descritos acerca da população caiçara da Ilha do Cardoso.

2.2 Específicos

- Realizar um levantamento etnobotânico por meio da bibliografia especializada, a fim de verificar a variação do conhecimento quanto ao gênero, idade e localidade.
- Entender de que maneira, no contexto estudado, o conhecimento sobre as plantas, terapêuticas ou não, é propagado.
- Realizar um levantamento das espécies de plantas, terapêuticas ou não, mais conhecidas e utilizadas citadas pela população nos artigos encontrados.
- Investigar, a partir do referencial consultado, quais os principais modos de utilização das plantas terapêuticas pela comunidade.

3 METODOLOGIA

Esta pesquisa possui, fundamentalmente, característica qualitativa. A pesquisa qualitativa começou a surgir no século XIX no âmbito da pesquisa social e antropológica. Em 1855, um autor chamado Frédéric Le Play publicou um estudo sobre as famílias das classes trabalhadoras da Europa e este pôde ser considerado um dos primeiros trabalhos de caráter qualitativo. Já a metodologia foi descrita pela primeira vez em 1932 pelos autores Sidney Webb e Beatrice Webb em um trabalho intitulado de *Methods of social investigation*. Recentemente este tipo de análise vem aparecendo, principalmente, nas áreas da Psicologia, Filosofia e Administração de Empresas. Contudo, as Ciências Naturais já têm feito a utilização desse tipo de método (GODOY, 1995; NEVES, 1996).

Segundo Godoy (1995), este tipo de estudo é umas das opções para analisar os seres humanos e suas relações mais intrínsecas. Diferentemente da pesquisa quantitativa, esta não se preocupa com a mensuração dos resultados e sim em compreender profundamente o contexto de um caso, participando de maneira holística e seguindo a perspectiva dos envolvidos levando em conta todos os olhares (KRIPKA; SCHELLER; BONOTTO, 2015). Sobre os pesquisadores qualitativos, Godoy (1995) diz que estes:

[...] tentam compreender os fenômenos que estão sendo estudados a partir da perspectiva dos participantes. Considerando todos os pontos de vista como importantes, este tipo de pesquisa ‘ilumina’, esclarece o dinamismo interno das situações, frequentemente invisível para observadores externos. (GODOY, 1995, p. 58).

A pesquisa qualitativa possui algumas características bastante específicas, tais como: ser descritiva e detalhista; não seguir um plano previamente estabelecido com hipóteses e variáveis sendo, portanto, uma alternativa mais flexível e autônoma que permite ao pesquisador se apoiar em alguma subjetividade e explorar novas perspectivas, além disso não possui a preocupação fundamental, ainda que entenda a sua importância em determinados contextos, de enumerar e analisar resultados somente a partir de uma perspectiva estatística, o investigador se preocupa com o significado que os indivíduos dão às coisas e à vida e possui um enfoque indutivo. Temos três maneiras de direcionar o caminho da pesquisa, pode ser por meio da pesquisa documental, do estudo de caso e da etnografia. No caso deste trabalho, o meio escolhido foi a pesquisa documental (GODOY, 1995).

Geralmente quando pensamos em pesquisa, associamos a uma relação direta do investigador com o objeto de pesquisa, esquecendo que os documentos também são uma fonte rica de conhecimento (GODOY, 1995). Para Godoy (1995, p. 21), a pesquisa documental constitui-se do “[...] exame de materiais de natureza diversa, que ainda não receberam um tratamento analítico, ou que podem ser reexaminados, buscando-se novas e/ ou interpretações complementares [...]”. A vantagem deste tipo de investigação é que permite o estudo de sujeitos que não temos o acesso pessoalmente, seja por motivos de distanciamento ou porque já se foram e, tendo em vista que este trabalho foi produzido em meio à pandemia do Coronavírus – SARS-CoV-2 (COVID-19), esta opção foi bastante pertinente (GODOY, 1995).

O desenvolvimento desta pesquisa documental será por meio da “Análise de Conteúdo” proposta por Bardin (1977, p. 42):

[...] um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando a obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens (BARDIN, 1977, p. 42).

Segundo Bardin (1977), a utilização deste método prevê três fases fundamentais: “pré-análise”, “exploração do material” e “tratamento dos resultados”. A “pré-análise” representa a fase de organização, nesta é preciso elaborar um plano bem definido para escolher os documentos. A “leitura flutuante” entra nesta etapa, é por meio desta que se tem o primeiro contato com os trabalhos que serão examinados. Esta primeira leitura possibilita delinear com mais clareza os estudos mais apropriados ao que se está buscando (BARDIN, 1977; GODOY, 1995).

Para a realização deste estudo, foi utilizado materiais obtidos por meio da pesquisa bibliográfica. Inicialmente foi feito um levantamento de publicações científicas de caráter etnobotânico. Foi dado maior enfoque aos trabalhos que abordam as questões de conhecimentos culturais sobre as práticas de plantas medicinais pelos caiçaras que vivem na Ilha do Cardoso, SP.

A “pré-análise” foi realizada em três etapas:

- **Primeira etapa:** Esta etapa foi composta pela formação de um banco de dados amplo, utilizando-se como ferramentas as mais relevantes plataformas de busca de textos científicos: *Google Acadêmico*, *SciELO*, *Scopus*, Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações, Portal de Periódicos da Capes e *World Wide Science*. Para todas as plataformas, foi executado a “leitura flutuante” (BARDIN, 2016) a fim de determinar o material mais pertinente. Seguiu-se um padrão de palavras-chave (termos de busca) para procura de modo intercalado e distinto: “plantas medicinais”, “etnobotânicas”, “conhecimento local”, “caiçaras” e “Ilha do Cardoso”. Estas foram escolhidas considerando um maior alcance de trabalhos, sendo filtrados por publicações dos últimos 15 anos.

- **Segunda etapa:** Nesta uma nova busca com os mesmos critérios da anterior foi feita a fim de aprofundar e direcionar mais ao tema da pesquisa. Desta vez, os meios de pesquisa foram nos *sites* das principais revistas brasileiras com acesso para trabalhos de etnobotânicas: Revista Brasileira de Plantas Medicinais; Revista Brasileira de Farmacognosia, *Acta Botanica Brasílica*, *Rodriguesia*; Revista Biotemas; Revista Brasileira de Biociências; *Acta Scientiarum Biological Sciences*; Anais da Academia Brasileira de Ciências; Repositório de universidades como a UNICAMP, UFSC, USP e UNESP;

- **Terceira etapa:** Constitui da “leitura flutuante” (BARDIN, 1977), e durante esta alguns critérios são empregados para que estes sejam incluídos nesta investigação:

1º A área do estudo deve ter ocorrido na Ilha do Cardoso, Cananéia – SP.

2º Deve abordar sobre o conhecimento local.

3º Tratar sobre uso de plantas medicinais pelos caiçaras.

4º Os resultados obtidos devem ter sido por meio de entrevistas ou por investigação na bibliografia científica.

Selecionados os documentos, foi feita a “exploração do material”. Esta compreende também em leitura, porém agora adicionando estratégias como: codificação, classificação, enumeração e categorização. Para a análise deste trabalho, foi utilizado a categorização. Como o próprio nome já diz, constitui em classificar os elementos semelhantes e dissemelhantes em seus grupos correspondentes por meio de parâmetros estipulados anteriormente (BARDIN, 2016). Bardin (2016, p. 147) define categorização como:

[...] uma operação de classificação de elementos constitutivos de um conjunto, por diferenciação e, seguidamente, por reagrupamento segundo o género (analogia), com os critérios previamente definidos. As categorias, são rubricas ou classes, as quais reúnem um grupo de elementos (unidades de registo, no caso da análise de conteúdo) sob um título genérico, agrupamento esse efetuado em razão dos caracteres comuns destes elementos (BARDIN, 2016, p. 147).

Por último, no “tratamento dos resultados” o pesquisador deve procurar padrões, relações e predisposições nas análises, sempre fazendo inferências significativas e válidas. Entretanto, esta interpretação deve ir além superficialidade, trazendo sentidos de todas as perspectivas para que posteriormente sirva de base para outras análises (GODOY, 1995; BARDIN, 2016).

O presente projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Fundação Hermínio Ometto – FHO, cujo número de inscrição no CEP: 1152/2020 e data de apreciação do CEP: 09/12/2020.

3.1 Constituição do *corpus* documental

Esta investigação conta com um *corpus* documental composto por sete trabalhos acadêmicos em Etnobotânica, especificamente quatro dissertações (Figura 1), dois artigos (Figura 2) e uma monografia (Figura 3) que discutem o conhecimento local sobre plantas terapêuticas.

Figura 1 – Dissertações selecionadas para compor o *corpus* documental desta pesquisa.

Código de identificação	Autor	Título	IES	Orientação	Ano de publicação
Diss. 1	MIRANDA, Tatiana Mota	Etnobotânica de restinga em comunidades da Ilha do Cardoso (SP) e da Ilha de Santa Catarina (SC).	UFSC	Natalia Hanazaki	2006
Diss. 2	OLIVEIRA, Flávia Camargo de	Etnobotânica da exploração de espécies vegetais para confecção do cercafixo na região do Parque Estadual Ilha do Cardoso, SP.	UFSC	Natalia Hanazaki	2007
Diss. 3	JERICÓ-DAMINELLO, Camila	Identificação e valoração sociocultural dos serviços ecossistêmicos - o caso da comunidade de Marujá, Ilha do Cardoso - SP, Brasil.	USP	Paulo Antonio de Almeida Sinisgalli	2014

Figura 1 – Dissertações selecionadas para compor o *corpus* documental desta pesquisa (continuação).

Diss. 4	ARAKAKI, Kelly Rocha	O território caiçara da comunidade Enseada da Baleia, Parque Estadual da Ilha do Cardoso – SP.	UEL	Alice Yatiyo Asari	2011
----------------	-------------------------	---	-----	--------------------------	------

Fonte: Autoria própria.

Figura 2 – Artigos selecionados para compor o *corpus* documental desta pesquisa.

Código de identificação	Autor	Título	Local de publicação	Ano de publicação
Art. 1	HANAZAKI, Natalia; MIRANDA, Tatiana Mota	Parte VI – O homem no contexto florestal: conhecimento etnobotânico sobre a flora nativa das regiões do Parque Estadual Carlos Botelho (PECB) e do Parque Estadual da Ilha do Cardoso (PEIC).	4º Relatório Científico do Projeto de Parcelas Permanentes	2006
Art. 2	MIRANDA, Tatiana Mota <i>et al.</i>	Existe utilização efetiva dos recursos vegetais conhecidos em comunidades caiçaras da Ilha do Cardoso, estado de São Paulo, Brasil?	Rodriguésia	2011

Fonte: Autoria própria.

Figura 3 – Monografia selecionada para compor o *corpus* documental desta pesquisa.

Código de identificação	Autor	Título	IES	Orientação	Ano de publicação
Tcc. 1	OLER, Juliana Rodrigues Larrosa	Plantas tóxicas do município de Cananéia - SP: um enfoque etnobotânico.	UNESP	Maria Christina de Mello Amorozo	2009

Fonte: Autoria própria.

Adiante, apresenta-se os dados coletados a partir do *corpus* documental desta pesquisa e as suas aproximações e distanciamentos com os demais referenciais teóricos disponíveis acerca do tema estudado.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise dos documentos contidos no *corpus* desta pesquisa foi dividida em seis categorias, quais sejam: “variação do conhecimento local quanto ao gênero”, “variação do conhecimento local quanto a idade”, “variação do conhecimento quanto a localidade (mais isolada e menos

antropizada)”, “maneiras de utilização do elementos vegetais”, “geração do conhecimento local” e “plantas mais citadas”. Ressalta-se que as seis categorias foram selecionadas *a priori*.

4.1 Variação do conhecimento local quanto ao gênero

Dos sete trabalhos selecionados, três abordavam sobre a variação do conhecimento quanto ao gênero. Diss.1 tem como um dos objetivos específicos: “diferenças no tipo de conhecimento dos entrevistados, quando se lhes considera o gênero [...] (p. 45)”, Art. 2: “verificar se os recursos vegetais citados são efetivamente usados pelos caiçaras da Ilha do Cardoso, estado de São Paulo, considerando fatores como idade, gênero [...] (p. 154)”, e Tcc. 1: “estabelecer relações entre idade/sexo dos moradores e diversidade de espécies conhecidas (p. 13)”.

Analisando os trabalhos pôde-se observar que devido aos homens apresentarem maior enfoque nos trabalhos manufatureiros como, construção de casas, embarcações, remos, cerco-fixo e apetrechos, eles detêm um conhecimento mais diverso sobre espécies de plantas nativas, devido ao fato de passar muito tempo no ambiente natural e conseqüentemente sua categoria de uso mais citada é para a manufatura. Em Diss. 1 “[...] os homens mostram-se mais familiarizados do que as mulheres com espécies empregadas na construção de casas, na fabricação de canoas e na confecção de artesanatos (p. 83)” e por essa razão possuem “[...] conhecimento maior de espécies nativas das florestas que cercam as regiões em que vivem (p. 83)”. Em contrapartida, as mulheres por possuírem um enfoque maior nos trabalhos de casa e cuidados com a família, elas detêm um conhecimento maior sobre plantas terapêuticas citando a categoria de uso medicinal como mais usada, “[...] a diferença se relaciona, sem dúvida, à natureza das atividades desenvolvidas por ambos: os homens operando na mata [...] e as mulheres, dedicando-se às atividades domésticas (p. 88)”.

Os trabalhos Diss. 1 e Art. 2 corroboram entre si acerca do maior conhecimento dos homens sobre as plantas. Em seus serviços, passam muito mais tempo em contato com o meio ambiente, em Art. 2 diz que “[...] de modo geral, os homens apresentam um conhecimento mais amplo das plantas, evidenciado pelo maior número de citações, de etnoespécies, de espécies botânicas e de plantas nativas (p. 160)” e em Diss. 1 “[...] os homens mostraram-se maiores conhecedores de um conjunto de plantas nativas de Restinga e/ou mata de encosta empregadas para manufatura de casas, canoas, armadilhas de pesca, etc. [...] (p. 115)”

Um trabalho realizado com uma comunidade quilombola no Raso da Catarina, Bahia também demonstrou em seus resultados que a mulheres possuem saberes sobre plantas medicinais maiores que os homens:

[...] pode-se inferir que as mulheres tendem a demonstrar um maior conhecimento acerca da utilização das plantas medicinais do que os homens [...]

as mulheres citaram um maior número de plantas medicinais para o tratamento de doenças que acometem mais de 50% dos sistemas corporais referidos pelos entrevistados. Isso pode ser explicado porque as mesmas além dos cuidados com a casa, são lavradoras, mães e esposas, sendo responsáveis pelas estratégias de manutenção da saúde da família (GOMES; BANDEIRA, 2012, p. 807).

Em uma outra comunidade caiçara não muito distante da Ilha do Cardoso, localizada no litoral sul do Estado do Rio de Janeiro, também apontam as mesmas decorrências, “[...] homens e mulheres têm conhecimentos diferentes sobre as plantas, principalmente com relação às utilizadas para construção/tecnologia, que são do domínio masculino e as para alimentação, medicinais e lenha, que são de domínio feminino” (BORGES; PEIXOTO, 2009, p. 776).

No trabalho Tcc. 1, um dos seus objetivos específicos era “estabelecer relações entre idade/sexo dos moradores e diversidade de espécies conhecidas (p. 13)”, porém em seus resultados o único trecho que foi encontrado tratando especificamente sobre o assunto foi: “[...] não foi notada diferença estatisticamente significativa para o sexo dos entrevistados quanto ao local do estudo [...] o mesmo ocorreu com a covariável idade (p. 20)”.

Na categoria seguinte, tratou-se da variação do conhecimento quanto à idade.

4.2 Variação do conhecimento quanto à idade

Na variável idade, três estudos do *corpus* documental (Diss. 1, Art. 2 e Tcc. 1) abordam o assunto de maneira significativamente. Diss. 1 descreve em um dos seus objetivos específicos “diferenças no tipo de conhecimento dos entrevistados, quando se lhes considera o gênero e a idade (p. 45)”, Art. 2 “verificar se os recursos vegetais citados são efetivamente usados pelos caiçaras da Ilha do Cardoso, estado de São Paulo, considerando fatores como idade [...] (p. 154)” e Tcc. 1 “estabelecer relações entre idade/sexo dos moradores e diversidade de espécies conhecida (p. 3)”.

Os trabalhos Diss. 1 e Art. 2 corroboram entre si em relação aos mais velhos serem os maiores detentores do conhecimento local. Em Art. 2 destaca-se, em relação as categorias de uso, os indivíduos mais jovens com maior compreensão sobre plantas medicinais e os mais velhos sobre alimentícias: “[...] predomínio nas de uso alimentar e manufatureiro, entre os mais experientes e de uso medicinal entre os menos vividos (p. 158)”. Ainda nesse trabalho mostram que apesar dos caiçaras mais jovens da Ilha do Cardoso saberem sobre plantas, não fazem uso frequente deste como os mais velhos. Sobre isso, a hipótese que se abre, é que o motivo se deve à possibilidade de os jovens não terem tido ainda tanto tempo como os de mais idade tiveram de usá-las “[...] quanto maior a idade, maiores são também as chances dos informantes utilizarem as plantas que conhecem,

por terem tido mais tempo de experimentação ao longo da sua vida (p. 160)”. O estudo Diss. 1 também relata que os mais novos não utilizam tanto o que sabem:

As curvas de riqueza esperada, calculadas com base na idade dos informantes, também ressaltam o conhecimento de uma maior diversidade de plantas pelos moradores mais velhos, que citaram maior número de espécies nas entrevistas, e uma menor diversidade de plantas conhecidas pelos mais jovens, proporcional ao número inferior de citações quanto ao uso das plantas (MIRANDA, 2016, p. 84).

É de se esperar que as pessoas mais velhas retenham um maior conhecimento, visto que possuem mais tempo de vida e por isso acumulam mais experiências que os mais jovens (MIRANDA, 2006). Em um trabalho realizado com uma população no Peru, os resultados refletem a importância de cada categoria de uso na vida de cada pessoa. Entretanto, pode-se observar ao contrário dos resultados apresentados na pesquisa supracitada (Art. 2), o conhecimento sobre plantas alimentícias é retido principalmente nos indivíduos de menor idade, pois é adquirido gradativamente, desde criança é ensinado o que é comestível e o que não é. Já sobre plantas manufatureiras aprende-se mais tardar, com idade entre 30 e 50 anos, quando a maioria constrói casas para suas famílias ou vende produtos florestais para complementar a renda, e sobre as medicinais o saber é retido abundantemente pelos mais idosos. É importante ressaltar que o saber sobre plantas medicinais pode estar sofrendo um processo de aculturação, em razão de que o conhecimento de plantas comestíveis é muito mais fácil de aprender do que o conhecimento de plantas medicinais, “a preparação e o uso da maioria dos medicamentos é um processo mais longo e complexo do que preparar produtos vegetais para comer (p. 41)” e portanto a transferência de conhecimento de velhos para jovens não está acontecendo continuamente, em Diss. 1 também é relatado esse problema, “nota-se o conhecimento de uma maior diversidade de plantas citadas entre os informantes mais velhos do grupo estudado, o que pode indicar uma perda do conhecimento entre os moradores mais jovens (p. 3-4)” (PHILLIPS; GENTRY, 1993).

Um outro estudo com caiçaras do litoral sul do Rio de Janeiro revelou, assim como os estudos acima um padrão em que os moradores mais idosos realmente possuem um saber mais abrangente sobre as plantas, que vai desde aspectos fitofisiológicos até condições ambientais. Por meio de entrevistas pôde-se demonstrar que:

[...] eles têm um vasto saber sobre plantas tais como épocas de floração e frutificação, vinculação delas a um determinado típico fisionômico (restinga, floresta, roça/quintal), uso das espécies e também sobre outros fenômenos da natureza tais como direção dos ventos, marés, localização de acidentes geográficos e este saber é vivenciado na comunidade (BORGES; PEIXOTO, 2009, p. 773).

Conforme já manifestado anteriormente, não foi encontrado mais informações sobre a covariável idade no trabalho Tcc. 1 além do excerto já citado.

4.3 Variação do conhecimento quanto a localidade (mais isolada e menos isolada)

Sobre a variação do conhecimento quanto a localidade, dois estudos realizaram esta análise. Diss. 1 tem como objetivo geral: “estudar a etnobotânica de comunidades litorâneas em áreas de Restinga, analisando o uso de recursos vegetais [...] além de investigar a atual situação de dois grupos populacionais quanto ao conhecimento e uso dos recursos vegetais locais (p. 3)”, e Tcc 1: “comparar o conhecimento nas duas áreas foram coletados dados (sociais e sobre as plantas) com os moradores (p. 3)”.

No primeiro trabalho (Diss. 1), a comparação é feita com moradores de quatro praias da Ilha do Cardoso (Pereirinha, Itacuruçá, Cambriú e Foles). Por questões de proximidade geográfica, as comunidades estudadas foram reunidas em grupos, Pereirinha e Itacuruçá em um e Cambriú e Foles em outro. Por estes grupos estarem em lados opostos na Ilha, o primeiro é menos isolado que o segundo, “a comunidade de Cambriú está localizada, como a de Foles, na face oceânica da Ilha do Cardoso. Seu acesso ao local é possível por barco, pela praia ou por trilhas no interior da mata. Ambas são consideradas as comunidades mais isoladas da Ilha [...] (p. 16)”.

A variação do conhecimento em relação ao isolamento pode estar relacionada com a atividade profissional exercida em cada área. Os moradores menos isolados possuem a vantagem de fazer proveito do turismo por exemplo (MIRANDA, 2006). Em Diss. 1 foi evidenciado essa diferença “o turismo é uma atividade ainda recente que, apesar de tida como secundária por alguns moradores, apresenta relativa importância para algumas localidades, como as de Pereirinha e Itacuruçá, devido, provavelmente, à sua proximidade com o Núcleo Perequê (p. 35)”.

O turismo pode trazer malefícios e benefícios para a conservação do conhecimento cultural (MARCONDES, 2018). Dentre os benéficos pode-se dizer que traz novas oportunidades financeiras, pois podem conseguir renda com acomodações, restaurantes/barraquinhas de comida e passeios. Contudo, em meio aos malefícios, a disputa por espaço, elementos naturais, posse por terra, a mudança nas formas de sustendo, a proximidade com a urbanização e o posicionamento em classes sociais, são conseqüências negativas para a conservação da cultura local (MANSPERGER, 1995; MARCONDES, 2018). Diante de Diss. 1, o turismo trouxe mais resultados positivos que negativos:

[...] é possível identificar efeitos aparentemente benéficos do exercício de ocupações turísticas para os moradores de Pereirinha e Itacuruçá. Incentivados pela administração do PEIC, com tais atividades buscam-se, afinal, a conservação florestal e a valorização da cultura local, ameaçadas pela proximidade com os centros urbanos. Em Foles e Cambriú, apesar de, por não serem tão perceptíveis as suas conseqüências, ser ainda difícil avaliá-la, a prestação de serviços turísticos

melhora, sem dúvida, a renda dos que a ela se dedicam (MIRANDA, 2006, p. 38).

O saber sobre plantas varia em decorrência do isolamento e a atividade exercida em Diss. 1, pois os indivíduos que vivem em Pereirinha e Itacuruçá conhecem mais plantas de aplicação medicinal e manufatureira que alimentícia, enquanto que em Cambriú e Foles as de aplicação alimentícia vem primeiro, seguido da medicinal e por último manufatureira, evidenciando que “a aquisição de gêneros alimentícios nos centros urbanos reduz a dependência dos moradores em relação aos recursos vegetais (p. 78)” enquanto que os moradores da região mais isolada revelam “uma maior dependência dos moradores por plantas por eles próprios cultivadas em roças, quintais ou hortas (p. 75)”.

No segundo estudo mencionado acima (Tcc. 1), foi comparado o conhecimento de populações de duas regiões, uma localizada na zona insular, menos isolada e uma na zona continental, mais isolada. Constatou-se em oposição ao primeiro estudo que não há diferença significativa entre a diversidade de plantas conhecidas em cada lugar, “a diferença quanto à antropização das áreas não gera alteração significativa na diversidade (p. 27)”. Entretanto, apesar dos indivíduos de ambas as zonas conhecerem uma grande diversidade de plantas, são poucas as conhecidas em comum, portanto, a espécies presentes em cada local apresentam-se diferentes. A autora justifica que:

Esta diferença pode ser explicada se considerarmos que o índice de Simpson é pouco influenciado pela presença de espécies com poucas citações, ou seja, as comunidades insulares e continentais de Cananéia conhecem muitas espécies de plantas tóxicas, no entanto, poucas são as pessoas que conhecem a maior parte dessas espécies (OLLER, 2009, p. 27).

Houve duas diferenças sobre as duas regiões, a primeira é que somente a região da Ilha, a menos isolada, obteve informantes-chave dentre seus entrevistados, ou seja, é um indivíduo que conhece muito bem o ambiente que vive, isto é explicado porque são “poucos entrevistados que fizeram muitas citações [...] Tais informantes, também chamados de especialista locais, são excelentes conhecedores das plantas do local que habitam (p. 23)”. A segunda diferença foi notada em relação ao número de indivíduos que souberam informar os sintomas causados pelas plantas tóxicas e as formas de tratamento. A região menos isolada demonstrou ter um conhecimento mais apurado, desta maneira “possuíam tal conhecimento, sendo que a maior parte dessas plantas também é cultivada (67,7%). Quanto a formas de tratamento, apenas moradores da ilha citaram tais informações, recomendando a procura pelo posto médico mais próximo (p. 33)”.

4.4 Maneiras de utilização do elementos vegetais

Nesta categoria, quatro trabalhos abordam sobre como utilizam os elementos vegetais (Diss. 1, Diss. 2, Diss. 3 e Art. 2).

Em Diss. 1 os indivíduos utilizam os elementos vegetais para si próprio ou para transformá-lo em produtos para outrem. Exemplo de produtos transformados podem ser as canoas, os remos, os cabos de ferramentas, caixotes e até casas provenientes das madeiras extraídas das árvores (MIRANDA, 2006). Podem ser utilizadas as plantas para ornamentação como por exemplo “*S. paralyba*, amplamente empregada na arborização de cidades, devido ao grande potencial ornanental, presta-se também para reflorestamento de áreas degradadas (p. 63)”. Em Art. 2, as categorias de uso mais citadas de plantas foram a alimentar, medicinal e manufatureira: “as plantas alimentares também se destacaram quanto ao conhecimento local. Elas são proporcionalmente as plantas com maior porcentagem de uso (97%), em comparação com as medicinais (90%) e as manufatureiras (58%) (p. 158)”. Os frutos são usufruídos na alimentação, podendo até ser remédio como os do “o araquá (*P. cattleyanum*) [...] produção de frutos consumidos in natura como alimento, é também bastante cultivado em pomares domésticos [...] sendo usado ainda como medicamento em comunidades caiçaras do litoral sul do Estado de São Paulo (p. 63)”. Algumas plantas possuem propriedades terapêuticas ajudando a combater diversas enfermidades que acometem as populações “como hortelã, é cultivada em larga escala no sudeste do Brasil para a produção de mentol e de óleo essencial, utilizados por indústrias alimentícias e farmacêuticas [...] Por suas propriedades é utilizada na cura de vários tipos de desordens, como dores de cabeça (p. 64)”.

Muitas pessoas sobrevivem dos elementos da natureza. Na Ilha do Cardoso, uma grande parcela dos caiçaras fazem o uso da pesca, que já é um elemento da natureza, mas pensando nos instrumentos que estes fazem uso nesta prática, até a vara de pescar é construída a partir dos vegetais (OLIVEIRA, 2007). Em Diss. 2, o cerco-fixo é um engenho de pesca manufaturado com materiais removidos do ambiente da Ilha do Cardoso “a estrutura básica do cerco-fixo é montada utilizando-se mourões (ou moirões) feitos a partir de árvores retiradas da Restinga e de ambientes de floresta tropical pluvial de planície litorânea e de mata de encosta (floresta tropical pluvial da Serra do Mar) na região (p. 38)”.

É relatado em Diss. 3 a natureza como cura para problemas de saúde mental como a depressão, um entrevistado deste trabalho respondeu quando perguntado sobre sua relação com a praia que se curou quando estava doente enquanto fazia caminhadas com sua mãe, que lá esquecia de seus problemas, a autora explica:

Neste caso, a crença e a sensação de cura pelo contato com a praia é um benefício promovido pela relação do entrevistado com o ambiente da praia. Pela definição aqui adotada, a promoção de saúde não é um serviço ecossistêmico e sim um benefício. Na codificação desta resposta identificou-se como serviço a existência de elementos naturais presentes na praia que, quando usufruídos, promovem a

melhora de saúde, em algum grau, daquele que se relacionou com ela (JERICÓ-DAMINELLO, 2014, p. 84)

4.5 Geração do conhecimento local

A transmissão de culturas, hábitos e atividade é uma maneira de se preservar o conhecimento. Quando uma informação não é passada, esse saber é perdido permanentemente. É nas ocupações informais que se acontece essa transferência e não com procedimentos metodológicos (DIEGUES, 2000).

Diegues (2000) diz que o conhecimento é propagado oralmente de geração em geração dos mais experientes para os menos experientes. Em Tcc 1. os entrevistados afirmam acontecer exatamente isso, muitas vezes entre indivíduos com parentesco e até com vizinhos próximos: “A transmissão oral de conhecimentos foi a fonte mais citada para origem do conhecimento [...] sendo que a passagem de conhecimento dos mais velhos para os mais jovens, principalmente familiares (pais e avós) foi a mais representativa (p. 22)”. O autor da pesquisa Diss. 4 concorda com os anteriores dizendo que as histórias de vida e experiências vividas pelos caiçaras quando contada a outras é a forma de propagação mais evidente entre eles, considera “importante recuperar a história de vida dos entrevistados, através do resgate da trajetória de vida, com o intuito de conhecer as experiências ao longo dos anos (p. 63)” porque “o resgate da memória [...] é uma atividade história e cultural importante, a qual permite através de relatos orais, conserva e difundir o saber (p. 62)”.

4.6 Plantas mais citadas

Os trabalhos que citaram famílias e espécies de plantas estão destacados abaixo nas Tabelas 1 e 2 respectivamente. Estas foram agrupadas usando o critério de cada família ou espécie fosse citada em pelo menos dois estudos:

Tabela 1 – Famílias botânicas mais citadas pelos documentos do *corpus* desta pesquisa.

Famílias botânicas mais citadas				
Família	Diss. 1	Art. 1	Art. 2	Tcc. 1
Arecaceae	x	x		
Asteraceae	x		x	
Clusiaceae	x	x		
Euphorbiaceae	x			x
Fabaceae	x			x
Myrtaceae	x	x	x	
Poaceae	x		x	

Fonte: MIRANDA, 2006; HANAZAKI; MIRANDA, 2006; OLLER, 2009; MIRANDA, 2011.

Na Tabela 1, podemos observar que a família mais citada foi a Myrtaceae, ela aparece em três dos quatro trabalhos analisados, enquanto as demais apenas em duas.

Esta família de plantas apresenta um elevado número de espécies, sendo 71,4% (CRUZ, 2004) utilizada para fins medicinais:

Espécies de Myrtaceae são empregadas principalmente em distúrbios gastrointestinais, estados hemorrágicos, doenças infecciosas, sua ação podendo estar relacionada às propriedades adstringentes da planta. As partes mais usadas são as folhas, cascas e também os frutos que são comumente consumidos (CRUZ; KAPLAN, 2004, p. 48).

Outro ponto que podemos constatar nesta tabela, é que todas as famílias aparecem no primeiro trabalho (Diss. 1), podendo ser resultado da diversidade de moradores entrevistados, sendo de quatro localidades diferentes: “para a elaboração do presente estudo, das comunidades existentes no parque foram selecionadas as de Pereirinha, Itacuruçá, Foles e Cambriú (p. 8)”.

Tabela 2 – Espécies de plantas mais citadas pelos documentos do *corpus* desta pesquisa.

Espécies de plantas mais citadas							
Nome popular	Nome científico	Família	Categoria de uso	Diss. 1	Art. 1	Art. 2	Tcc. 1
Araçá	<i>Psidium cattleianum</i> Sabine	Myrtaceae	Alimentar, Medicinal e Manufatura	x	x	x	
Babosa	<i>Aloe</i> sp.	Liliaceae	Medicinal	x			x
Boldo	<i>Plectranthus barbatus</i> Andrews, <i>Vernonia condensata</i> Baker; <i>Salvia</i> sp.	Lamiaceae	Medicinal	x		x	
Cataia	<i>Pimenta</i> cf. <i>pseudocaryophyllus</i> (Gomes) Landrum	Myrtaceae	Medicinal	x	x		
Caxeta	<i>Tabebuia cassinoides</i>	Bignoniaceae	Manufatura	x	x	x	
Erva-de-santa-maria	<i>Chenopodium ambrosioides</i> L.	Chenopodiaceae	Medicinal	x		x	
Erva-do-bicho	<i>Polygonum</i> sp.	Polygonaceae	Medicinal	x			x
Goiaba	<i>Psidium guajava</i> L.	Myrtaceae	Medicinal		x	x	
Guarapuvu ou Guapiruvu	<i>Schizolobium parahyba</i> (Vell.) S. F. Blake	Caesalpiniaceae	Manufatura	x	x	x	
Hortelã	<i>Mentha arvensis</i> L. e <i>Mentha</i> sp.	Lamiaceae	Medicinal	x		x	
Penicilina	<i>Alternanthera</i> sp.	Amaranthaceae	Medicinal	x			x
Pitanga	<i>Eugenia uniflora</i> L.	Myrtaceae	Alimentar	x	x		
Poejo	<i>Mentha pulegium</i> L.	Lamiaceae	Medicinal	x		x	
Vacupari	<i>Garcinia gardneriana</i> (Planch. & Triana) Zappi	Clusiaceae	Alimentar	x	x	x	

Fonte: MIRANDA, 2006; HANAZAKI; MIRANDA, 2006; OLLER, 2009; MIRANDA, 2011.

Na tabela 2, foram selecionadas 14 espécies de plantas mais citadas. A maioria tem como categoria de uso a medicinal, entretanto temos apresentadas para fins manufatureiros e alimentar. Novamente, Diss. 1 apresentou mais plantas em comum com os outros estudos.

Começando pelo araçá (*Psidium cattleianum* Sabine), este é citado em três pesquisas. Em Diss. 1 é apontado nas três categorias por conta de sua madeira “resistente e durável, mostra-se adequado para uso em cabos de ferramentas, esteios e para a confecção de peças que exijam resistência”, seus frutos “consumidos in natura como alimento (p. 63)” e propriedades medicinais “é também bastante cultivado em pomares domésticos [...] usado ainda como medicamento em comunidades caiçaras do litoral sul do Estado de São Paulo (p. 63)”. Em Art. 1, também aparece em todas categorias, ressaltando que o araçá é utilizado dos jardins de suas residências e das proximidades “é encontrada cultivada nos quintais e próximo às casas, e o seu uso é feito principalmente a partir destes indivíduos, e não de indivíduos situados dentro das manchas de mata de restinga (p. 8)”. Por último em Art. 2, esta espécie é citada em apenas uma categoria, a alimentar.

Em um trabalho de Cruz e Kaplan (2004), relata o araçá (*Psidium cattleianum* Sabine) para tratamentos de males das vias urinárias, diarreias e hemorragias.

A babosa (*Aloe* sp.), aparece em dois documentos (Diss. 1 e Tcc. 1). Ambos como medicinal, porém neste último os moradores apontam sobre sua toxicidade desta. Suas folhas, espinhos e chá podem ser prejudiciais quando ingeridos ou em contato. Freitas (2014) aponta que já foram relatados casos de problemas abdominais como cólicas, diarreia, náuseas e até hepatite aguda pela ingestão contendo *Aloe* sp.

O boldo (*Plectranthus barbatus* Andrews, *Vernonia condensata* Baker; *Salvia* sp.) aparece em Diss. 1 e em Art. 2, ambos com medicinal. Este é utilizado para tratamento de várias enfermidades estomacais agindo como “analgésico, sedativo e estimulante do apetite e, ainda, para problemas estomacais e distúrbios do fígado (Diss. 1, p. 64)”. Lorenzi e Matos (2008) comprovaram a eficiência das propriedades deste.

A cataia (*Pimenta* cf. *pseudocaryophyllus* (Gomes) Landrum) é mencionada nos trabalhos Diss. 1 e Art. 1 na categoria medicinal, sendo no primeiro como a mais citada pelos moradores Pereirinha e Itacuruçá “mencionada por 65% (n=13) dos entrevistados e indicada sobretudo como calmante (Diss. 1, p. 73)”.

A caxeta (*Tabebuia cassinoides*) está em três estudos (Diss. 1, Art. 1 e Art. 2) na categoria manufatura. Em Diss. 1, assim como a araçá, ganha destaque pela qualidade de sua madeira nas atividades manufatureiras “devido à consistência leve e macia, são adequadas para confecção de caixotaria ou de artefatos como remos, cabos de ferramentas e até para a fabricação de canoas, apresentando potencial econômico para a confecção de artesanato (p. 63)”. Em Art. 2, a caxeta é

mais citada pelos homens que pelas mulheres, devido a sua atividade profissional já mencionada ser principalmente a manufatura.

A erva-de-santa-maria, o hortelã e o poejo são citadas em Diss. 1 e Art. 2 e todas na categoria medicinal. Considerando o gênero e a idade avaliado nas categorias supraindicadas, todas essas plantas aparecem com maior número pelos indivíduos do sexo feminino e mais velhos para remédio. Lorenzi e Matos (2008) informam que a erva-de-santa-maria é considerada como uma das mais usadas entre os remédios tradicionais em escala mundial pela OMS e sobre o hortelã que “toda a parte aérea da planta é utilizada para fins medicinais (p.)” podendo tratar congestionamento nasal, ânsias de vômito, dores de cabeça e coceira na pele.

Explorando os materiais, as espécies de categoria manufatureira, alimentar e medicinais são bastante mencionadas em todos os trabalhos, podendo ser plantas que são cultivadas em seus quintais até em matas de restinga por exemplo.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se, de acordo com as análises feitas, que há variação de conhecimento caiçara em relação a gênero, idade e localidade. Os indivíduos do sexo masculino, as pessoas mais velhas e aqueles que moram em uma região menos isolada, possuem um conhecimento mais amplo sobre as plantas. Pôde-se verificar também que os seres humanos fazem um uso abundante dos elementos naturais, sobretudo para transformá-los. O conhecimento caiçara é propagado principalmente via oral, dos mais velhos para os mais jovens, principalmente aqueles com algum grau de parentesco. Sobre a variedade de famílias e espécies citadas, foi possível inferir que em todos os trabalhos houve saberes compartilhados em comum e muitos deles comprovados cientificamente.

A escassez de trabalhos etnobotânicos sobre plantas medicinais com os caiçaras da Ilha do Cardoso – SP especificamente foi uma dificuldade encontrada. Deste modo, evidencia-se a necessidade de mais pesquisas voltadas para conhecimento local sobre plantas medicinais nesta comunidade.

6 REFERÊNCIAS

- ALCORN, J. B. The scope and aims of ethnobotany in a developing world. *In*: SCHULTES, R. E.; REIS, S. V. (Eds.). **Ethnobotany: evolution of a discipline**. Dioscorides Press, 1995. p. 23-39.
- ALEXIADES, M. N.; SHELDON, J. W. **Selected Guidelines for Ethnobotanical Research: A Field Manual**. New York: New York Botanical Garden, 1996. 306 p.

ALMEIDA, M. Z. **Plantas medicinais**. 3. ed. Salvador: Editora da Universidade Federal da Bahia (EDUFBA), 2011, v. 3, 221 p.

AMOROZO, M.C.M. Abordagem etnobotânica na pesquisa de plantas medicinais. *In: Di STASI, L.C. Plantas medicinais: arte e ciência. Um guia de estudo interdisciplinar.* São Paulo: UNESP, 1996. p. 47-68.

ARAKAKI, K. R. **O território caiçara da comunidade Enseada da Baleia, Parque Estadual da Ilha do Cardoso – SP.** Orientadora: Alice Yatiyo Asari. 2011. 140 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Estadual de Londrina (UEL), Centro de Ciências Exatas, Londrina, 2011.

ARAÚJO, L. G. D. **Etnobotânica caiçara: diversidade e conhecimento de recursos vegetais no litoral paulista.** Orientadora: Alpina Begossi. 2007. 195 f. Dissertação (Mestrado em Ecologia) – Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Instituto de Biologia, Campinas, 2007.

ARRUDA, R. S. V.; DIEGUES, A. C. **Os saberes tradicionais e biodiversidade no Brasil.** Brasília: MMA/USP, 2001.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo.** São Paulo: Edições 70, 2016. 279 p.

BARROS, F.; MELO, M. M. R. F.; CHIEA, S. A. C. **Flora fanerogâmica da Ilha do Cardoso: caracterização geral da vegetação e listagem das espécies ocorrentes.** v. 1. São Paulo: Editora Hucitec, 1991. 184 p.

BEGOSSI, A. Knowledge on the use of natural resources contributions to local management. *In: C. M. COTTON. Ethnobotany: principles and applications.* 1. ed. Chichester: John Wiley and Sons, 1998, 434 p.

BERKES, F. **Sacred Ecology: Traditional Ecological Knowledge and Resource Management.** Philadelphia: Taylor and Francis, 1999. 209 p.

BERKES, F.; FOLKE, C.; GADGIL, M. Traditional ecological knowledge, biodiversity, resilience and sustainability. *In: PERRINGS, C.S. et al (eds.). Biodiversity conservation. Problems and policies.* 1. ed. Dordrecht: Springer Holanda, 1995, v. 4, p. 281-300.

BORGES, R.; PEIXOTO, A. L. Conhecimento e uso de plantas em uma comunidade caiçara do litoral sul do Estado do Rio de Janeiro, Brasil. **Acta Botanica Brasilica**, v. 23, n. 3, p. 769-779, 2009.

CLÉMENT, D. The historical foundations of ethnobiology (1860-1899). **Journal of Ethnobiology**, v. 18, n. 2. p. 161-187.

CRUZ, A. V. M.; KAPLAN, M. A. C. Uso medicinal de espécies das famílias Myrtaceae e Melastomataceae no Brasil. **Floresta e ambiente**, v. 11, n. 1, p. 47-52, 2012.

COSTA, G.; SILVA, P. S. Tratamento bioenergético: estudo etnofarmacológico de plantas medicinais da Pastoral da Saúde Alternativa de Cotriguaçu, MT. **Biodiversidade**, v. 13, n. 1, p. 115-124, 2014.

DAVIS, E. W. Ethnobotany: an old practice, a new discipline. *In: SCHULTES, R. E.; REIS, S. V. (Eds.). Ethnobotany: evolution of a discipline.* Dioscorides Press, 1995. p. 40-51.

MUSSOLINI, G. **Ensaio de antropologia indígena e caiçara**. Paz e Terra, 1980. 287 p.

DI STASI, L. C. *et al.* Medicinal plants popularly used in the Brazilian Tropical Atlantic Forest. **Fitoterapia**, v. 73, p. 69-91, 2002.

DIEGUES, A. C. (Org.). **Os saberes tradicionais e a biodiversidade no Brasil**. São Paulo: MMA/COBIO/NUPAUB/USP, 2000. 211 p.

DIEGUES, A. C. S. Diversidade Biológica e Culturas Tradicionais Litorâneas: O Caso das Comunidades Caiçaras. *In*: CONFERÊNCIA DA UICN UNIÃO MUNDIAL PARA CONSERVAÇÃO DA NATUREZA, 4, 1988, São José, Costa Rica. **Série documentos e relatórios de pesquisa**. São Paulo: 1998. n. 5. 37 p.

DIEGUES, A. C.; ARRUDA, R. S. V. (Org.). **Saberes tradicionais e biodiversidade no Brasil**. Brasília, DF: Ministério do Meio Ambiente; São Paulo: USP, 2001. 176 p.

FALCÃO, D. Q.; MENEZES, F. S. Revisão etnofarmacológica, farmacológica e química do gênero *Hyptis*. **Revista Brasileira de Farmacognosia**, v. 84, n. 3, p. 69-74, 2003.

FONSECA-KRUEL, V.S.; PEIXOTO, A.L. Etnobotânica na Reserva Extrativista Marinha de Arraial do Cabo, Rio de Janeiro, Brasil. **Acta Botanica Brasilica**, v. 18, n. 1, p. 177-190, 2004.

FREITAS, V. S.; RODRIGUES, R. A. F.; GASPI, F. O. G. Propriedades farmacológicas da Aloe vera (L.) Burm. f. **Revista Brasileira de Plantas Mediciniais**, v. 16, n. 2, p. 299-307, 2014.

FUNDAÇÃO SOS MATA ATLÂNTICA. **Dossiê Mata Atlântica**. São Paulo: Fundação SOS Mata Atlântica, 1992. 107 p.

GODOY, A. S. Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais. **Revista de Administração de empresas**, v. 35, n. 3, p. 20-29, 1995.

GOMES, T. B.; BANDEIRA, F. P. S. F. Uso e diversidade de plantas medicinais em uma comunidade quilombola no Raso da Catarina, Bahia. **Acta Botanica Brasilica**, v. 26, n. 4, p. 796-809, 2012.

HANAZAKI, N.; MIRANDA, T. M. Parte VI – O homem no contexto florestal: conhecimento etnobotânico sobre a flora nativa das regiões do Parque Estadual Carlos Botelho (PECB) e do Parque Estadual da Ilha do Cardoso (PEIC). *In*: RODRIGUES, R. R. *et al.* **Diversidade, dinâmica e conservação em florestas do estado de São Paulo**: 40ha de parcelas permanentes. Piracicaba: LERF, ESALQ, USP – Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz, 2006. 4º Relatório Científico do Processo FAPESP 1999/09635-0. p. 537-552. Disponível em: <http://lerf.eco.br/capa.asp?j=7>. Acesso em: 30 set 2020.

JERICÓ-DAMINELLO, C. **Identificação e valoração sociocultural dos serviços ecossistêmicos** – O caso da comunidade do Marujá, Ilha do Cardoso – SP, Brasil. Orientador: Paulo Antônio de Almeida Sinisgalli. 2014. 163 f. Dissertação (Mestrado em Ciência Ambient), Programa de Pós-Graduação em Ciência Ambiental, Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, 2014.

JOHNSON, M. **Lore**: capturing traditional environmental knowledge. Ottawa: Diane Publishing Co., 1992. 190 p.

KRIPKA, R.; SCHELLER, M.; BONOTTO, D. L. Pesquisa documental: considerações sobre conceitos e características na pesquisa qualitativa. **CIAIQ2015**, v. 2, p. 243-247, 2015.

LARAIA, R. B. **Cultura**: um conceito antropológico. Rio de Janeiro: Jorge Zahar (Ed.), 1986. 116 p.

LORENZI, H.; MATOS, F. J. A. **Plantas medicinais no Brasil**: nativas e exóticas. 2. ed. Nova Odessa, SP: Instituto Plantarum, 2008. 576 p.

MANSPERGER, M. C. Tourism and cultural change in small-scale societies. **Human Organization**, v. 54, n. 1, p. 87-94, 1995.

MARTINS, A. G. *et al.* Levantamento etnobotânico de plantas medicinais, alimentares e tóxicas da Ilha do Combu, Município de Belém, Estado do Pará, Brasil. **Revista Brasileira de Farmacognosia**, v. 86, n. 1, p. 21-30, 2005.

MEDEIROS, M. F. T.; FONSECA, V. S.; ANDREATA, R. H. P. Plantas medicinais e seus usos pelos sítios da reserva Rio das Pedras, Mangaratiba, RJ, Brasil. **Acta Botanica Brasilica**, v. 18, n. 2, p. 391-399, 2004.

MENDONÇA, A. L. F. **A Ilha do Cardoso**: o parque estadual e os moradores. 2000. 163 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Florestais) - Escola Superior de Agricultura "Luiz de Queiroz", Universidade de São Paulo, São Paulo.

MIRANDA, T. M. *et al.* Existe utilização efetiva dos recursos vegetais conhecidos em comunidades caiçaras da Ilha do Cardoso, estado de São Paulo, Brasil?. **Rodriguésia**, v. 62, n. 1, p. 153-169, 2011.

MIRANDA, T. M. **Etnobotânica de Restinga em Comunidade da Ilha do Cardoso (SP) e da Ilha de Santa Catarina (SC)**. Orientadora: Natalia Hanazaki. 2006. 147 f. Dissertação (Mestrado em Biologia Vegetal) – Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Centro de Ciências Biológicas, Florianópolis, 2006.

MIRANDA, T. M.; HANAZAKI, N. A variação do conhecimento ecológico local segundo o gênero e idade de moradores das Ilhas do Cardoso (SP) e de Santa Catarina (SC). *In*: Congresso de Ecologia do Brasil, 8, 2007, Caxambu. **Anais [...]**. São Paulo: Ecological Society of Brazil - Sociedade de Ecologia do Brasil Departamento de Ecologia - IB, USP, 2007. p. 1-3.

MIRANDA, T. M.; HANAZAKI, N. Conhecimento e uso de recursos vegetais de restinga por comunidades das ilhas do Cardoso (SP) e de Santa Catarina (SC), Brasil. **Acta botânica brasílica**, v. 22, n. 1, p. 203-215, 2008.

NEVES, J. L. Pesquisa qualitativa: características, usos e possibilidades. **Caderno de pesquisas em administração**, São Paulo, v. 1, n. 3, p. 1-5, 1996.

OLER, J. R. L. *et al.* Etnobotânica de plantas tóxicas como subsídio para campanhas de prevenção de acidentes: um estudo de caso em Cananéia, São Paulo, Brasil. **Scientia Plena**, v. 15, n. 11, 2019.

OLER, J. R. L. **Plantas tóxicas do município de Cananéia - SP: um enfoque etnobotânico.** Orientadora: Maria Christina de Mello Amorozo. 2009. 52 f. TCC (Graduação) – Curso de Ecologia, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP), Instituto de Biociências, Rio Claro, 2009.

OLIVEIRA, F. C. de. **Etnobotânica da exploração de espécies vegetais para confecção do cerca-fixo na região do Parque Estadual Ilha do Cardoso, SP.** Orientadora: Natalia Hanazaki. 2007. 146 f. Dissertação (Mestrado em Biologia Vegetal) – Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Centro de Ciências Biológicas, Florianópolis, 2007.

PHILLIPS, O.; GENTRY, A. H. The useful plants of Tambopata, Peru: II. Additional hypothesis testing in quantitative ethnobotany. **Economic Botany**. v. 47, n. 1, p. 33-43, 1993.

PILLA, M. A. C.; AMOROZO, M. C. M.; FURLAN, A. Obtenção e uso de plantas medicinais no distrito de Martim Francisco, município de Mogi Mirim, SP, Brasil. **Acta Botanica Brasilica**, v. 20, n. 4, p. 789-802, 2006.

SALATI, E.; SANTOS, A.A.; LOVEJOY, T.E.; KLABIN, I. **Por que salvar a floresta Amazônica?** Manaus: Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia, 1998, 114 p.

SAMPAIO, D.; SOUZA, V. C.; OLIVEIRA, A. A.; SOUZA, P. J.; RODRIGUES, R. R. **Árvores da restinga: guia ilustrado para identificação das espécies da Ilha do Cardoso.** São Paulo: Editora Neotrópica, 2005. 277 p.

SAMPAIO, T. **O tupi na geografia nacional.** 5. ed. São Paulo: Editora Nacional, 1987. 359 p.

VIERTLER, R. B. Métodos antropológicos como ferramenta para estudo em etnobiologia e etnoecologia. *In*: AMOROZO, M. C. M.; MING, L. C.; SILVA, S.M.P. (orgs.). **Métodos de coleta e análise de dados em etnobiologia, etnoecologia e disciplinas correlatas.** Rio Claro: UNESP/CNPq, 2002. p. 12-29.



Comitê de Ética em Pesquisa -2017-2019

Fone:

Parecer N°1152/2020

IDENTIFICAÇÃO DO PROJETO

Título: STRAUSS E DESCARTES FALAM A MESMA LÍNGUA? A Etnobotânica no contexto do Parque Estadual da Ilha do Cardoso-SP retratado nas pesquisas acadêmicas

Título Inglês

STRAUSS AND DESCARDES SPEAK THE SAME LANGUAGE? Ethnobotany in the context of the Ilha do Cardoso-SP State Park portrayed in academic research

Pesquisador Responsável: Diogenes Rafael de Camargo

Parecer: NÃO POSSUI PARECER CADASTRADO

Decisão homologada na reunião do dia 09/12/2020

Doutor(a) Miriam de Magalhaes O. Levada
Coordenador(a) do Comitê de Ética em Pesquisa
-2017-2019

FHO|Uniararas
Av. Dr. Maximiliano Baruto, 500
Jd. Universitário - Araras/SP
CEP:13.607-339

ESTE DOCUMENTO FOI GERADO E ARMAZENADO EM AMBIENTE DIGITAL.
PARA CONSTATAR A SUA AUTENTICIDADE, ACESSE:
<http://school.uniararas.br/autenticador/> VIA INTERNET
FORNECENDO O NÚMERO: 1129963 E A SENHA: FAT1QAS4